

Entrevista com Lília Jorge

EPA - Gostaria que falasse de como foi que se iniciou, para você, o processo de criação?

LÍDIA - Comecei a criar desde que aprendi a escrever. Não escrevo hoje por acaso. Muitos colegas dizem que foi um acidente, ou a leitura de uma obra que os levou a começar a escrever. Eu não: lembro-me de que as minhas primeiras redações eram feitas por gosto. Tudo isto tem uma explicação social, pelo isolamento em que vivi quando era miúda, porque sou de uma família de gente emigrante: os homens emigraram e as mulheres ficaram. Eu vivi com três mulheres, durante dez anos; minha meninice foi passada só com mulheres. Quando aparecia um homem, era coisa espantosa. Além disso, era no campo, no Algarve, numa aldeia em que não havia nem rádio nem televisão (não havia mesmo televisão em Portugal, nessa altura). Eu assistia aos serões de família, de grupos de pessoas da zona, onde havia muitos poetas. Sou de uma zona de poetas repentistas, o António Aleixo era da minha terra: ele é o expoente máximo de uma tradição natural, que está ligada aos turdetanos, um povo que falava em versos.

EPA - E essa tradição ainda se mantém?

LÍDIA - Ela, agora, está a perder-se, mas o meu avô paterno e a minha avó materna naturalmente falavam em verso, nos momentos mais solenes ou de brincadeira. Para além disso, a minha família, apesar da origem muito pobre, tinha algumas pessoas que gostavam muito de ler. Eu tive um avô, tanoeiro, que não tinha dinheiro para os filhos, para nada, mas, às escondidas da mulher, comprava livros. Esses livros vieram parar às minhas mãos, e passei a infância a ler coisas dessincronizadas, de que ninguém se lembrava. Por exemplo: decorei, copiando, O noivado do sepulcro (e ainda hoje sei grande parte dele). Li e devo rei tudo isso, e criei uma imaginação galopante, nessa altura. Aos dez anos, quando fui para o Liceu, levava um romance esboçado, que se chamava Amores de São João, uma espécie de charge de As pupilas do Senhor Reitor. Fantasia abso luta, mas era uma diversão. Durante a minha adolescência, continuei a escrever, publiquei contos e poemas. Depois, na fase da universidade, adquiri uma auto-crítica muito grande, um medo do texto crítico, que me paralisaram. Eu ia escrevendo, mas a universidade matou-me. Já a minha vida de início de adul

Entrevista concedida a Marlise Vaz Bridi Ambroggi em 24 de janeiro de 1984, na residência da Autora, em Lisboa.

ta foi muito forte, eu vivi intensamente. Cheguei aos 30 anos com a mesma vontade de escrever, mas escrevia sô para mim. A certa altura, percebi que não devia rasgar o que tinha escrito.

EPA - Você falou da auto-crítica adquirida na universidade. Como é que você conjuga a universidade e a escrita?

LÍDIA - Não conjugo. Dou aulas no secundário, por decisão. Tive várias oportunidades para ficar como professora universitária, mas nunca aceitei. Aconteceu uma história particular que me levou a não querer, relacionada com a minha tese de licenciatura (sobre Fernão Mendes Pinto), mas penso que, mesmo que isso não houvesse ocorrido, eu teria decidido assim: há uma carência de bons valores no ensino médio e, além disso, em Portugal, o professor secundário recebe a mesma quantia que o universitário. E apesar de eu ter feito essa opção aos 24 anos, já sabia que a universidade não me deixaria nunca escrever. A posição analítica e a posição criativa, em mim, brigam. O que eu sentia era que o espírito de disciplina, da pesquisa, da investigação, que a universidade seria (quando é séria) exige da pessoa, deixa nela um hábito de rigor e de observação que não a deixam livre para criar. Enfim, preparei minha tese e, a despeito dos problemas que tive, consegui uma nota excepcional na defesa. E aí, fechei a tese e recusei convites para ficar na universidade. Quando voltava para casa, depois da defesa, eu tinha febre, era outono, eram folhas vermelhas a cair no carro. De repente, senti uma libertação enorme, e pensei: "Ainda bem que eu deixo a universidade, agora vou escrever, agora é que eu vou finalmente escrever".

EPA - Foi então que você escreveu O dia dos prodígios? Como entende que se insere na Literatura Portuguesa Contemporânea a partir de seus dois livros publicados?

LÍDIA - A primeira coisa que escrevi e que eu sabia que tinha princípio, meio e fim foi O dia dos prodígios. Ao mesmo tempo, escrevia já O caos das merendas. Mostrei o primeiro livro a uma editora, que ficou com ele e o publicou. Libertada de certos problemas familiares, pude começar a escrever com alguma paz. Mas a minha experiência não chega: acho que a gente tem de viver primeiro, para ser autêntica. Não acredito na criação de pessoas que se metem dentro de uma casa, a escrever livros. Penso que, neste momento, escrevo dentro de um grupo de pessoas jovens (em torno dos 40 anos), que viveu um momento grave, da guerra colonial e da derrubada do regime. Depois do 25 de abril, há uma série de gente a iniciar, e eu considero-me dentro dessa iniciação. Mas o que eu acho interessante nesse grupo é que ninguém se filia a ninguém. Há, portanto, muitas vozes autênticas. Parece-me que a Literatura Portuguesa está num momento altamente positivo: há a renovação, feita pelos novos, mas, ao mesmo tempo, os mais velhos não estão a ficar caquéticos.

EPA - Sendo você uma mulher, como vê a grande participação de mulheres no quadro da Literatura Portuguesa atual?

LÍDIA - Acho que as mulheres não são se colocam no papel, mas, sobretudo, não têm o complexo de serem mulheres, nem no bom e nem no mau sentido. Escrevem aquilo que lhes dá na gana escrever. Há uma Literatura Portuguesa autêntica, onde o decurso da própria História está muito evidente. A literatura das mulheres não tem a marca do provincianismo. Acho que é, precisamente, o lado oposto. Acho que corresponde a uma certa realidade. Ao falar com escritoras individuais, uma a uma, não se tem uma visão do que é a mulher portuguesa mais arejada. Estou a pensar uma a uma nessas escritoras, e há sempre uma denúncia muito aberta: suas histórias são, precisamente, as da mulher fechada, da mulher encerrada. Tanto na Maria Velho da Costa, como em qualquer uma delas, o propósito é aventar a história toda. Na Teresa Salema, por exemplo, é sempre a história da mulher que quer fazer e não consegue. Lembro-me também das Casas pardas, um verdadeiro monumento à mulher portuguesa, que analisa completamente esta mulher, tanto na alta como na baixa sociedade. A abertura da Maria Velho da Costa consiste em denunciar tudo isso, mas a mulher portuguesa está lá, retratada, na sua incapacidade de afirmação. O que se passa é que não há uma heroína portuguesa.

EPA - A partir dessa sua análise dos rumos das obras escritas por mulheres, você tem algum novo projeto?

LÍDIA - A personagem que estou a trabalhar é precisamente a da mulher que quis um dia fazer alguma coisa, mas não fez, até que o fez. A gente, aqui em Portugal, está à procura da mulher heroína. Até se inventam mulheres que nunca existiram na História! Nós não temos heroína, não temos nossa Joana D'Arc! Andam à procura dela, e ainda não a encontraram. É o que as escritoras modernas fazem é a denúncia da falta dessa heroína. Aliás, Portugal é hoje um país sem herói, e toda a nossa Literatura Contemporânea é a procura de um herói. Isto confunde-se com a busca da nossa identidade: a gente queria ter um herói, e não tem, todos foram apagados. Nós temos, por exemplo, uma personalidade espantosa, que está completamente esquecida, que é o Almirante Reis (do qual só se tem uma fotografia, mais nada). Ele viveu com tal intensidade a implantação da República que, quando pensou que mais um golpe havia falhado, suicidou-se. E, no entanto, foi ele que fez a Revolução! Essas pessoas estão esquecidas, e acho que é o momento de as recuperar. Há uma busca disso, mas eu tenho um bocado de receio, porque, em geral, os momentos de recuperação histórica coincidem com momentos de retrocesso, de conservadorismo, e tenho medo que se confundam.

EPA - Esse conservadorismo manifesta-se também ao nível do comportamento, não acha?

LÍDIA - Sim. O machismo, por exemplo, é muito, muito forte. Mas a questão da mulher não pode vir isolada: nós somos uma província do mundo, uma província da Europa, uma província da própria Península Ibérica. Uma província por inteiro. É um universo muito pequenino. Estamos a dar ainda, nós mulheres, uma grande volta. Aqui, agora, em Portugal, fala-se muito na Literatura Feminina (e fala-se com muitos anos de atraso). Há um grande grupo de gente que acha que as mulheres estão sendo valorizadas em demasia. Poderia lhe contar dezenas de histórias engraçadas sobre isto. Há pessoas que acham, pura e simplesmente, que eu tenho sido altamente beneficiada por ser mulher! É mesmo absurdo! Mas eu, que estou aqui dentro, sei bem como a história tem sido ao contrário: tenho sido prejudicada, até, por esse aspecto. Mas temo, porque vejo meninas de 17, 18 anos, que foram minhas alunas, que estão a ir para casa, cozer meias, ter meninos, pacificamente! Como na história da minha avó! Parece que estão a repudiar aquilo que tem sido feito desde sempre.